

Contagem, agosto de 2025.

Caro leitor,

Se essa carta sobreviver ao tempo, que ela carregue o peso e a leveza de ser mineira. Que ela diga, sem vergonha, que aqui houve gente que amou sua terra com tudo que tinha, mesmo quando o mundo parecia esquecer que ela existia.

Minas não é só estado geográfico. É estado de espírito. É onde o tempo anda devagar porque tem respeito. Onde o silêncio não é ausência, é escuta. Onde cada pedra tem nome, cada árvore tem história, cada pessoa tem um jeito de dizer “uai” que revela tudo: surpresa, dúvida, raiva, carinho.

Contagem, minha cidade, é mistura. É ferro e flor. É poeira e promessa. É onde o ônibus cruza o canto dos passarinhos, onde o concreto tenta engolir o verde, mas nunca consegue por completo. Aqui, a gente aprende cedo que viver é resistir. Que o barulho da fábrica não cala o canto da alma. Que mesmo com pouco, a gente faz muito.

Eu cresci ouvindo casos, vendo minha vó plantar esperança em vasos de manjerição. Aprendi que comida boa não vem de receita, vem de afeto. Que conversa boa não tem pressa, tem escuta. Que gente boa não se mede por diploma, mas por presença.

Minas me ensinou a olhar. Olhar pra dentro, pra trás, pra frente. Me ensinou que tradição não é prisão, é raiz. Que progresso sem memória é vazio. Que o futuro só vale se respeitar o passado.

Escrevo pra você que talvez nunca tenha sentido o cheiro de jabuticaba madura. Que talvez ache que modernidade é esquecer o que veio antes. Que talvez nunca tenha parado pra ouvir o som de uma cidade que respira com o peito cheio de história.

Se no seu tempo ainda existir Minas, que ela não tenha virado só nome de estado. Que ainda tenha viola, fogão a lenha, abraço demorado. Que ainda tenha quem conte causos, quem faça festa com pouco, quem saiba que o tempo não precisa correr pra valer.

Que ainda tenha Contagem com seus becos, seus parques, seus encontros. Que ainda tenha gente que olha no olho, que chama pelo nome, que oferece café sem perguntar se você quer.

E se não existir mais, que essa carta sirva de prova: aqui houve vida. Aqui houve luta. Aqui houve beleza que não cabia em foto. Aqui houve gente que não se curvou. Que fez da terra poesia sem precisar rimar.

Minas é minha pele. É meu jeito de falar, de sentir, de lembrar. É o que fica quando tudo passa. E mesmo que tudo mude, ela continua sendo minha casa.

Atenciosamente, uma mineira apaixonada.

Nome: Sarah Giovanna Martins

Turma: 301

Unidade: CTPM – José Mauro de Vasconcelos

Gênero: Carta

Comentário da banca: A carta de Sarah comoveu-me, emocionou-me de verdade. Senti-me aquele leitor. Senti também os sabores e cheiros da sua cidade, ouvi os sons, visitei a casa de sua avó. A plasticidade e a delicadeza (paradoxalmente forte) levou-me à decisão: preciso conhecer Contagem.

